



# MODA & ARTE

Em colaboração com o artista  
Christophe Chemin, Prada  
apresenta uma cornucópia artística  
na coleção de Inverno 2017

POR MARILIA KODIC E RENATA BROSINA





A moda encontra a arte: obras de Chemin aplicadas às criações de Miuccia Prada



“**A**bsorto na contemplação de tão sublime beleza, atingi o ponto no qual me deparei com sensações celestiais. Tive palpitações, minha vida parecia estar sendo drenada”, escreveu o francês Stendhal, há exatos dois séculos, ao se deparar com pinturas de Giotto em uma igreja em Florença, na Itália. Foi esta reação que mais tarde deu nome à Síndrome de Stendhal, uma rara doença causada simplesmente pelo contato com obras de arte.

O fenômeno – guardadas as proporções, é claro – pode ser usado na própria definição de arte. O que conecta todas as células do organismo que chamamos arte – pintura, cinema, literatura, música e todas as suas expressões – é justamente

sua capacidade de afetar os sentidos do observador. E é neste contexto que se insere uma das mais antigas premissas da moda: não se trata de uma mera roupa para vestir, um simples invólucro, mas sim uma expressão capaz de evocar um conjunto de sensações em quem a contempla. Trata-se de arte.

O cenário não é um museu, mas uma sala escura, em que é possível distinguir pouca coisa. Chão de madeira, balcões com velas, uma escadaria. A voz rouca de P. J. Harvey ecoa, pontos de luz se acendem e entram, enfileiradas, uma série de *flâneurs*. Chapéus de marinheiro e pingentes com maxichaves e livros de couro vestem as andarilhas de diferentes origens. Femininas silhuetas dos anos 40 e cinturas bem marcadas são misturadas a





Chemin usou o calendário da época da Revolução Francesa como inspiração para seus prints



referências a uniformes de caça. Delicadeza e rigidez, como na voz suave de Marilyn Monroe abafando a aspereza da trilha inicial

O *mise-en-scène* seria um espetáculo artístico por si só, mas, nas peças que a maison Prada apresentou em seu desfile na última semana de moda de Milão, estava também a arte em forma literal: reproduzidas em estampas, foram as obras do francês Christophe Chemin que roubaram a cena.

O artista, que iniciou sua colaboração com a grife na recém-apresentada coleção masculina, teve como princípio criativo o Calendário da Revolução Francesa, criado no século 18, baseado no ciclo da natureza. Os seis meses escolhidos por ele representam a germinação de sementes ("germinal"), as flores ("floreal"), o calor ("thermidor), os frutos ("frutidor"), a colheita de uvas ("vendémiaire") e a neve ("nivôse").

Tendo como cerne de sua arte a colagem técnica dadaísta que usa a recontextualização como recurso poético, Chemin misturou as proporções modulares de Le Corbusier à estética Wabi-Sabi japonesa, as luas de Max Ernst à cena noturna berlinense, os versos de Baudelaire em *Flores do mal* à atuação de Nico em *La Cicatrice Intérieure*. Sereias e menestréis, chafarizes e fogo, astrologia e metafísica. Tudo coube na viagem ritualística de Chemin e, quanto mais perto se olhar, mais se descobre. Nessa viagem da Prada, as fronteiras foram riscadas.



"Moda é arte, moda não é arte. Mas, no fim, quem se importa?" diz Miuccia Prada em um vídeo exibido numa mostra sobre seu trabalho no Met. Filosofias à parte, vez ou outra temos a sorte de evidenciar o diálogo entre ambas em lampejos de genialidade, graças ao trabalho de artistas que sabem, como ninguém, construir pontes. O desfile apresentado por Miuccia e Chemin foi um desses momentos.